



# ANTÔNIO TAVERNARD, poeta e mártir

Clóvis Moraes Rego

Professor, pesquisador, escritor  
Membro da Academia Paraense de  
Letras.

**A** desobriga desta proposição traduz, antes de tudo, o impulso de irrefreável sentimento interior, e nela se insere, por isso mesmo, a desincumbência de um dever de natureza intransferível. Com ela trago à lembrança desta Casa, na presente sessão, para pleitear do Egrégio Plenário programação comemorativa, com a magnitude que merece, a ocorrência de um evento da mais alta significação na vida cultural paraense. Refiro-me ao cinquentenário da morte de Antônio Tavernard, que decorrerá, no corrente ano, a 2 de maio vindouro.

Recordo bem que este Conselho alvoreceu e logo se credenciou ao apreço público, e, em particular, ao respeito dos círculos do pensamento neste Estado, precisamente com a celebração de um cinquentenário de morte, que alcançou grande repercussão e lhe marcou, na atividade nascente, o primeiro testemunho de afirmação.

Implantado o órgão em 30 de outubro de 1968, encetava os primeiros passos em 1969, quando, por lúcida proposta de Maria Anunciada Chaves, patrocinou, dentro dos princípios de sua nobre destinação, o cinquentenário da morte de Paulino de Brito, transcorrido a 16 de setembro desse último ano.

Já antes, por iniciativa da Secretaria de Estado de Educação e Cultura, ao tempo de seu operoso titular, nosso saudoso confrade Acy de Jesus Barros Pereira, havia sido comemorado, com eminência e interesse, inclusive cunhagem de correspondente medalha cultural, o cinquentenário da morte de Olavo Bilac, em 18 de dezembro de 1968, num programa que sensibilizou toda a nação na reverência ao grande príncipe dos poetas brasileiros.

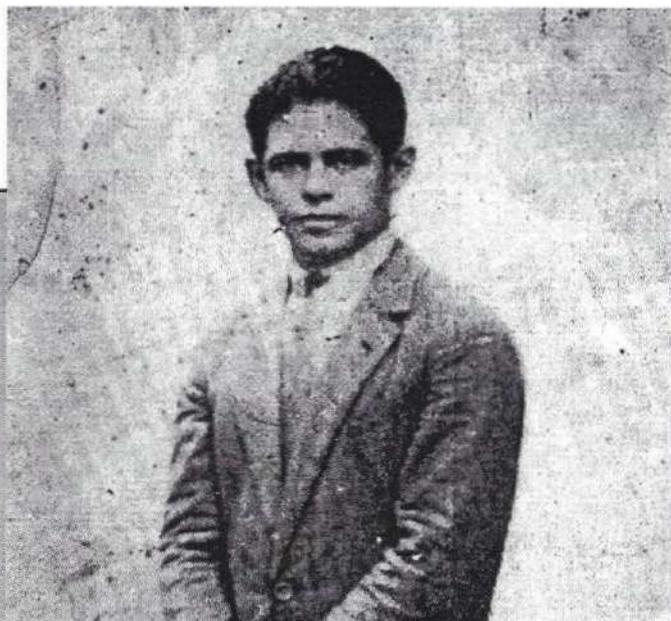
O cinquentenário da morte de Paulino de Brito, num Conselho que se iniciava, graças ao inalterável prestígio que lhe devotavam os seus integrantes, “como o pêndulo de um relógio bem assistido”, reacendeu todas as atenções para a homenagem à memória não apenas do insigne vate e filólogo amazônida, mas sobretudo à do insuperável professor em cujas gramáticas estudaram, durante cerca de meio século, sucessivas gerações paraenses.

Agora incumbe a este Conselho evocar, com idêntico fervor, um dos maiores de nossos cantores, um dos mais inspirados e sofridos de nossos poetas, Antônio de Nazaré Frazão Tavernard.

Minha geração experimentou, ao tempo em que à juventude era sensível, entre os outros ângulos de seus horizontes, o gosto pela leitura, particularmente pela poesia e pela coletânea, em caprichosos álbuns ou modestos cadernos, de textos selecionados e versos escolhidos, experimentou, repito, a influência de um fecundo poeta, Raul de Leoni, o joalheiro de “Luz Mediterrânea”.

No Pará, as maiores atenções, unidas de ternura, concentravam-se no que escapava, com espontaneidade e raro vigor poético, do talento de um predestinado que inclemente moléstia emparedara no seu refúgio do “Rancho Fundo”, mas não impedira que se transformasse, no curto espaço de seus incompletos vinte e oito anos de vida, – e com o penhor de cunho indubitável – numa das mais representativas e das mais

*Pranto dominado pelo canto,  
no exílio do “Rancho”, e cujo  
ressão triunfa, meio século  
decorrido, para o inelutável  
festival da glória.*



genuínas expressões de nossos triunfos literários.

No recolhimento de seu tugúrio estavam sempre presentes, conquanto em grupo numericamente reduzido, os jovens de sua época, seus ex-colegas de estudos no Ginásio e na Faculdade de Direito, seus amigos mais íntimos, seus companheiros de todas as horas, seus devotados cultores, pela estima e pelo coração, seus fraternos irmãos de sonho, seus admiradores invariáveis.

Pela idade, mais próxima de seus irmãos menores do que da sua, não compartilhei dessa ruidosa e incessante procissão afetiva nem tive acesso às tertúlias daquele recanto que divisava, ao fundo do extenso quintal do “Retiro São Benedito”, sito à Av. Conselheiro Furtado nº 814, esquina da Av. Generalíssimo Deodoro, nas caminhadas diárias que dava, a pé, de minha casa, à Trav. Quintino Bocaiúva próxima à Av. Conselheiro Furtado, ao Grupo Escolar Barão do Rio Branco, de que era aluno.

Minha mãe era amiga dileta de D. Marieta, mãe incomparável do desventurado poeta, como o era de uma prima sua, irmã do Corretor Carlos Frazão, D. Andréia Frazão Coelho, nossa vizinha em contígua casa, e minha irmã mais velha dele colecionava, com carinho, as poesias divulgadas na Revista “A Semana” e nos jornais da época. Aprendi, dentre elas, chegando até a decorar, uma que muito me impressionara, pela profundidade do sentimento, impregnado no sombrio quadro de um tísico em crise, amenizado, na sua atrocidade, pela fortaleza do amor maternal, e que, tanto quanto me socorra a memória, parece conter, na parte final, lances mais menos assim concebidos:

“Estou muito doente. Os médicos vieram  
sacudiram a cabeça, receitaram,  
e se foram depois... e não voltaram ...  
Mas bebi tudo que me deram,  
suportei injeções bem quietinho,  
e, se é demais a dor que às vezes vem  
o peito me rasgar, choro baixinho ...  
não vá meu choro incomodar alguém!  
A dar-me água quando estou com sede,  
mamãe já não está  
junto de mim, a balançar-me a rede  
pra lá, pra cá...  
Abençôo, contudo, este abandono,  
esta vida infeliz de cão sem dono,



Capa do número 880 da revista A Semana.  
Ilustração de Andreilino Cotta: 1936

Crônica para Alfredo Ladislau.  
**CREPES SOBRE A PLANÍCIE\***

Eu devia, a Alfredo Ladislau vivo, uma página de esthesia e emoção. Devia-a como intelectual sincero como filho da Amazônia, como admirador vehemente da sua prosa de milagres. Devia-a, sobretudo, pela identidade de destinos que nos crucificou em calvários irmãos. Não lha pude pagar. Não amortizo mesmo agora que estou escrevendo, sobre Alfredo Ladislau morto, para apresentar pêzames acerbos à sua grande viúva, a arte amazônica. Estão de lucto as uyaras e as icamiabas, está ferido pela dor profunda das cousas naturaes o coração da Planície, que o estheta despojou pelo sentimento conjugado aos encantos da região cunhatã.

porque, se aqui estivesse,  
mamãe de dor se tornaria louca,  
se ao menos percebesse  
o lenço rubro, com que enxugo a boca,  
que todos temem, que ninguém mais quer,  
e que ela seria  
a única mulher  
que para ungir, para suavizar,  
talvez tivesse - sim teria! -  
coragem de beijar...  
( E o poeta morreu. Morreu sozinho,  
rosa sem haste, pássaro sem ninho.  
Pela janela entrava a noite triunfal.  
E, morto, ele sorria, como, quando,  
ia, criança, as pálpebras cerrando  
no colo maternal ) ”.

Marcaram época e ficaram imperecedouras na alma paraense, como páginas antológicas, várias jóias do seu escrínio de criador de belezas, como, por exemplo, as que ocasionalmente me correm à lembrança, a partir da filial dádiva da página primeira de seus **“Místicos e Bárbaros”**, livro cujo destino se concentra, com extremada carícia, neste hino de dulcificado sentimento: “Para o poema de amor e sacrifício que tem sido a vida de meus pais”, a que se aduz, na profundidade de sua essência, a legenda deste singular desabafo:

**“Cada um dá o que tem!**  
- diz o adágio, evangelista da sinceridade!..

E eu digo também,

pensando nos meus sonhos vãos, dispersos...

**Cada um dá o que tem!**

Ah: que verdade!...

A vida deu-me a dor, eu dou-lhe versos...”

.....  
E do terno poeta, que em seus versos quisera, no pórtico, “a alvorada de todas as belezas triunfais”, sonhando-os como “taças de perfeição, hóstias de graça”, enfim, seu “evangelho excelso”, logo sobrepaira, ressonante, nos traços vigorosos do autorretrato de seu poema **“Similitudes”**, o brado com que se desnuda e define:  
“Nasci em frente ao mar .  
Meu primeiro vagido  
misturou-se ao fragor do seu bramido

Tenho a vida do mar!  
Tenho a alma do mar!

A mesma inquietude indefinível,  
que nele é onda, e é em mim anseio,  
faz-nos tremer, faz-nos fremir, faz-nos vibrar.

.....  
Sou bem fraco, porém, e tu és forte...  
Nada te vencerá, há de vencer-me a morte...  
Embora!... Mar morto, água dormida  
que por mais nada nem de leve ondeia,  
hei de deixar meus versos pela vida,  
como tu deixas âmbar pela areia! ...”

E, entrementes, para caracterizar o contraste

Ladislau fez mais que compreender a Amazônia, mais que sentil-a íntimo apaixonadamente, mais que exaltal-a em palavras que são sons e tintas, harmonia e luz, que plasmam, que fixam, em illuminura maravilhosa, o esplendor da sua nubilidade geogênica. Fez mais: Transformou-a. Que era antes delle? Para o sabio e para o artista: um amontoado incerto e dispar, uma confusão de grandezas amorphas, um chaos vertiginoso, uma incognita humida e verde, o desvão para onde Deus parece ter atirado o que sobrou da Genesis. Mas elle chegou, como um predestinado, ocado pela graça, amou-a. Amou-a como ninguém. Em troca, intensamente mulher, a irrelada deu-se-lhe inteira, de corpo e alma-corpo virgem, alma bárbara - melhor ainda que as teco-imás se davam aos amantes bronzeados, sobre as praias morenas de Yaci-Uarú, sob a sombra nupcial de Yaci-Taperê, durante a mystica

e genésica noite dos muiraquitans. E surgiu "Terra Imatura", frizo cyclopico aos aos pedaços, poema titânicoem balbucio.

E foi como se um velário se rompesse, como se véstias cahissem, descobrindo a nudez de uma perfeição assombrosa, feita de beleza e horror. E a selva, e a agua, e o homem, e a verdade, e a lenda, e o sentido dos symbolos, tudo appareceu ao olhar do espanto, numa eclosão auroral de apotheose.

Pode-se ver o ventre aberto da Amazônia com seus fetos colossaes. Viu-se a luta do aço com cerne, a dança macabra dos nativos vencidos, psychologia dos lagos, os repastos carnivoros do Rio-Rei, a fecundação e a morte das lagunas, a réplica da terra ao céu na florescência estellar da victoriaregia. Viu-se isso e mais, muito mais, mais ainda, sempre mais, como nunca o verão tão bello os porvindauros, se não avistarem estes períodos eternos.

nos cantos, escapa o seu hino de identificação **"Com as Cigarras"**:

"Mensageiras do estio, sede benvindas! ...  
Sede benvindas, pois trazeis convosco  
o rosário de luz das tardes lindas  
com matizes de opala e de ouro fosco!

.....  
Cantai, cantai, coros de tarlatana,  
que ao vosso canto meu cantar se irmana!  
Mas, que contraste entre esses cantos, ai!...

Pois se, no vosso, um riso se dessora  
pelo verão que chega, no meu chora  
todo o amargor de um sonho que se vai!..."

Também com a "velha aranha" que lhe vem,  
todos os dias, para a infinita tessitura de sua renda,  
se compara, cinzelando, no soneto **"Analogia"**, a  
natureza do fadário afim:

.....  
" Pouco te importa o horror das ventanias  
que te estraçalham as malhas de cetim;  
também, aquelas cedem às agonias,  
mas recomeçam, cantam sempre. Enfim,

este é o destino dos predestinados:  
tornar bens outra vez os bens passados,  
querer com o mesmo amor ao que já quis!..."

E assim vamos levando nossa sorte,  
tu, na ilusão de que tua teia é forte,  
eu, convencido de que sou feliz.

Das quadras de São João e do Natal sobravam ao poeta, por justificadas circunstâncias de ordem sentimental, motivos para inspiradas produções. Para o encanto dessas noites, que Georgeron Franco descreve em seu artigo **"Um poeta, um destino"**, publicado na "Folha do Norte" de 10.10.1944 e reproduzido, como Apresentação, no livro "Místicos e Bárbaros", desdobrava-se, com desvelo e entusiasmo incomuns, o Sr. Otílio Tavernard, que foi para o destinatário das festas - atento assistente postado à janela do "Rancho" - o seu "incansável Papai Noel de todos os dias". Celebrizou-as, a primeira, com o poema **"Visita de Santo"**, antes publicado em "A Semana" de 23.6.34 sob o título de **"Santa Visita"**, em cujo intróito se pode perceber a extensão de sua súplica:

"Meu São João,  
na noite do vosso dia,  
com fogueiras brilhando de alegria,  
com alegrias cantando num rojão,  
parai um pouco na melancolia  
do meu portão!"

E, a segunda, com a sua **"Prece de Natal"**, poema que ganhou fama, e do qual vale reviver, nestes fragmentos, como inequívoco testemunho de sua formação religiosa, a revelação piedosa de sua extraordinária contrição:

"Olhe aqui, Jesus Menino:  
na folha do meu destino,  
escreva a palavra "paz"!"

Depois, a fatalidade cobrou a Ladislau o dízimo da glória: a dor. E Ladislau pagou. Pagou dia por dia, que são as moedas do tempo. Pagou até ontem que a morte veio-lhe dar a quitação da vida. Admirável a sua chegada. Porque os que morrem chegam. Aonde? Não sei! Ninguém sabe! A nossa sabedoria compõe-se de ignorâncias capitais. Mas não importa. O que não se sabe, sente-se-o. Estou sentindo que ele chegou, e que ha de ser bom chegar. Alfredo Ladislau - os uyrapurus devem saber de cor este nome para repetil-o aos humanos, quando os humanos o esquecerem. Porque inda mais ephemera que a memória dos deuses é a memória dos homens.

\* ANTONIO TAVERNARD

Publicado na Revista Terra Imatura, n.6, nov, 1938.

Venho de muito longe, de um passado vivido em turbilhão... Estou cansado... Não quero sofrer mais!

Não quero – não! Não posso! Minha vida é como a taça de cristal partida em que beberam deuses e animais.

.....  
Portanto, Jesus Menino, na folha do meu destino, escreva a palavra “paz”! Para que eu durma, então, serenamente com um sono de arcanjo adolescente e não sinta, e não sonhe, e não desperte mais”.

Aliás, esta é, das Preces feitas ao transcurso anual do santificado evento, a mais conhecida, mas não foi à primeira, nem tampouco a última. A derradeira, fê-la, sim, no Natal de 1935, publicada na edição da Revista “A Semana” de 21 de dezembro desse ano, quatro meses e onze dias antes de sua morte. Sob o título de “Bilhete do pó à Luz”, assim começa: -

Quatro anos já!... Quatro bilhetes! Quatro recados orações que te mando, por esta página, neste dia, ao tempo de teu Natal. Quatro... E cinco serão feitos, e seis, e mais se o quiseres, se, para tanto - é tamanho este tão pouco! - me deres vida e fé. Cada uma destas linhas é um latejo do meu coração: só deixará de fremir quando o coração se imobilizar para sempre:” Inerte este, alicerçado na fé que o alimentou por toda a vida, não parou de orar, e de lá, aos pés do Criador de quem jamais descreu, “no as sento etéro”

aonde subiu e de onde “memória desta vida se consente”, passou a fazê-lo, contrita e dadivosamente, pelos que ficaram. Isto porque, tantos anos distantes, dele se pode afirmar o que disse, “em página de estesia e de emoção”; à partida de Alfredo Ladislau, como ele “também artista e sacrificado”, identificados, ambos, pelo destino que os “crucificou em calvários irmãos”: “Depois, a fatalidade cobrou-lhe o dízimo da glória: a dor. E pagou. Pagou dia por dia, que são as moedas do tempo. Pagou até quando a morte lhe veio dar a quitação da vida. Admirável a sua chegada! Porque os que morrem chegam. Aonde? Não sei. Ninguém sabe. A nossa sabedoria compõe-se de ignorâncias capitais. Mas, não importa. O que não se sabe, sente-se-o. Estou sentindo que ele chegou, e que há de ser bom chegar”. Estas palavras de sabedoria e antevisão, reproduziu-as, em página ilustrada por Geraldo Corrêa, sob o título de “Crepes sobre a planície”, a Revista “Terra Imatura”, de Cléo Bernardo, em seu vol. nº 6, de novembro / dezembro de 1938.

Quanto à sua “Última Carta”, que igualmente logrou notoriedade, não foi sua última produção. Foi ela, em verdade, publicada no “Estado do Pará”, com fotografia do autor, em sua edição de domingo, 3 de maio de 1936, dia seguinte ao do óbito, como o fez a Revista “A Semana”, em sua capa da “Edição Antônio Tavernard”, de 16 de maio de 1936, primeira tiragem após o desenlace do poeta. Aliás, difícil é compreender a sua não inclusão em “Místicos e Bárbaros”, já que foi divulgada, pela primeira vez, em “A Semana” nº 686, de 10.10.1931. Publicou-a Cécil Meira, em fevereiro de 1938, na Revista

“Guajarina”, ao tempo em que zelosamente dirigia a sua terceira fase, como o fez em sua “Introdução ao Estudo da Literatura”, bem assim Mecenas Rocha, em 1949, em seu livro “Entre os vivos e os mortos”. Bruno de Menezes, sobre referida exclusão, como a de outras poesias inéditas, não esconde a sua estranheza na conferência que fez sobre “Místicos e Bárbaros e o seu autor”, em 13.9.53, na Academia Paraense de Letras, dessas declamando, como fecho, duas que então possuía, o soneto “**Para que?**”, reproduzido da Revista “Guajarina”, mas sem identificação de data; e o poema “Sob as brumas, em surdina”, de um recorte impresso, sem especificação. Definindo melhor o assunto, Georgenor Franco, que lhe dedicou, ora esparsos, ora em série, vários artigos em revistas e jornais, declara no que veiculou pela “Folha do Norte” de 25.6.67, sob o título de “**O solitário do Rancho Fundo**”, que no livro “Místicos e Bárbaros”, postumamente editado, em 1953 sob a louvável iniciativa de Hermógenes Barra, “não está enfeixada nem a metade das poesias de Antônio Tavernard”

Urge, pois, como esforço que muito enobrecerá os que para ele concorrerem, e que refletirá, inquestionavelmente, o ponto mais alto do momento que ora se destaca no calendário cultural de nossa terra, esse trabalho de reconstituição. A tão nobre diretriz não faltarão, como colaboradores valorosos, todos quantos, dotados de sensibilidade, hão de contribuir com a sua parcela, recrutando, por qualquer forma ao seu alcance e em diferentes fontes, a produção inédita do poeta, já que desapareceu, com o desabamento do prédio de sua antiga sede, na Cidade Velha, o arquivo de “A Semana”, e com ele a parte mais alentada das produções disputadas, e por inexistirem, dessa fase da Revista, exemplares em nosso Arquivo Público.

A poesia singular de Antônio Tavernard, talvez exótica, bem representativa da Amazônia - di-lo Vicente Salles no seu ensaio “**O Exilado do Rancho Fundo**”, com que conquistou, em 1960, o prêmio “Carlos Nascimento” da Academia Paraense de Letras - “conseguiu imprimir cenas e aspectos de um Brasil diferente. Então pressentimos que ele escreveria o grande poema da Amazônia, pois, nesses momentos, não fica muito longe de Raul Bopp, o famoso criador de “**Cobra Norato**”. E mais ainda do que Raul Bopp, Tavernard foi um produto espontâneo da Amazônia. Viveu profundamente os seus problemas; não os observou com a emoção do esteta que acordou subitamente num reino de fadas ou num mundo fantástico”.

E foi justamente analisando a predominância do espírito amazônico na obra do poeta que Vicente Salles vislumbra, com propriedade, a sua afinidade com Waldemar Henrique, de quem foi “o mais feliz

dos seus letristas”, e em cuja música “há todo um congestionamento de beleza sonora que se traduz de imediato na lembrança de lendas, entidades fantásticas, aspectos típicos da região”. Contemporâneos, quase da mesma idade, aproximaram-se atraídos pelo talento, revelando-se

Tavernard foi assim naturalmente absorvida pela música de Waldemar Henrique”. E foi o próprio Tavernard que numa crônica escrita em “A Semana” de 29.7.1933, sob o título de “**Pássaro desconhecido**”, revela o grau desse companheirismo e exalta à eminência do compositor, com o testemunho de episódios que assim relembra: “Sobre o joelho, improvisando o assobio, ele escreveu a maior parte da partitura de uma peça minha para versos já feitos, sem que eu lhe explicasse como queria, produzindo sempre melhor do que eu desejava”. Esta crônica, reproduziu-a, fac-similada, Claver Filho, no pórtico de sua festejada obra “Waldemar Henrique, o canto da Amazônia”

em 1978, e em cujo conteúdo ressalta, enfatizando depoimento autorizado de Vicente Salles, que o tesouro musical, popularizado em “**Foi boto, Sinhá:**” (toada amazônica), “**Matintaperêra**” (canção amazônica), “**Tem pena da nega**” (batuque amazônico), “**Curupira**”, “**Quando a saudade acorda**”, “**Romance**” etc, representa, traçado junto pelos dois, “um programa em que a Amazônia, na música e na poesia, ganha pela primeira vez uma concessão de talentos realmente notáveis”.

Em 1930, de parceria com Fernando Castro, amigo com quem tinha profunda afinidade e seu antigo colega de Ginásio, Tavernard publicou a comédia, em 3 atos, “**A menina dos 20.000**”, encenada em 1931 no Palácio Teatro e que mereceu, da pena de Dalcídio Jurandir, calorosa crônica pelas colunas da “Folha do Norte”, em que a saúda, reconhecidamente, como “uma prova alvarescente do teatro amazônico”. Também sobre ela se manifestam Ulisses Nobre, em seus “Comentários inocentes”, e Waldemar Torres da Costa, através de seu artigo “**Noite de Arte**”. Musicada por Mendo Luna e com introdução musical de Brito Monteiro, teve como ensaiador o cenógrafo Paulo Castro, constando seu elenco das senhoras Georgnina Lima e Rosita Fernandes, Srta. Manuelita Rodrigues, conhecidas “estrelas” do teatro regional, e, entre os amadores, os acadêmicos Raul Valdez, Lobão da Silveira, Garcia Filho e Fernando Castro.

Antes já havia elaborado a Revista “Parati”, representada três vezes consecutivas no Palace Teatro, por Acadêmicos de Direito e em benefício de sua tradicional “**Festa da Chave**”, em agosto de 1930, figurando, entre outros, Ernestino Souza Filho, Raul Valdez, Lourenço Vale Paiva, Joaquim Gomes

maria lucia godoy

o  
canto  
da  
amazônia



de Norões e Souza, Altair e Édison Burlamaqui de Souza Martins, Agnano Monteiro Lopes, Waldemar Torres da Costa, Fernando Castro, João Botelho, Osvaldo Trindade, José Ferreira Teixeira Júnior, João Lobão, Fernando Rhossard, Jarbas Cavalcante e Rogério Cabral. Tiveram participação, em números de canto, Zuleika de Carvalho Nobre; de violino, Luiza Cardoso; de piano, Laurita Valdez; e, de declamação, Violeta Oliveira. Constituíam seu enredo uma deliciosa e mordaz crítica a respeito do Descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral, bem como da fase das Capitanias Hereditárias e do momento político da época em que a peça foi encenada, com abrangência a todos os Estados da Federação. Sob o título **"A Festa da mocidade"**, Juanita Machado, em lisonjeiro comentário pela imprensa, ressaltou que "se foi escrita com talento, **"Parati"** foi desempenhada com uma naturalidade e uma compreensão, que, se era de esperar dada a cultura e inteligência dos artistas, não deixou de surpreender os que sabíamos da pressa com que foi escrita e encenada a peça", e arremata, pondo em relevo a posição do autor, com esta veemente referência: "Antonio Tavernard, esse talento que assombrou pela sua cultura, pelo seu equilíbrio, pela pletora estuante de seus poucos anos revelou mais uma face de seu polimático valor mental".

Logo a seguir, escreveu a Revista **"Seringadela"**, que apresentou na comemoração da **"Festa do Termômetro"**, sob o patrocínio do Centro Acadêmico de Medicina, no Palace Teatro. Encerrando crítica de fina ironia e sadio humorismo em relação aos esculápios improvisados, bem como

ao desempenho dos prefeitos policiais, denominação então conferida aos atuais Delegados de Segurança Pública, foi interpretada por acadêmicos de medicina conterrâneos, entre eles, Benedito Klautau, Olavo Leônício, Pedro Rosado, Raimundo Vale Paiva, José Garcia Filho, José Moraes e José Nabuco de Oliveira. Entre as manifestações elogiosas da imprensa sobre a peça, destaca-se a subscrita por P. F.

Escreveu, ainda, as Revistas **"Que tarde!"** e a **"Casa da Viúva Costa"**, esta de parceria com Fernando Castro, exibida, com sucesso, no Teatro Moderno, em Nazaré, com músicas de Waldemar Henrique. Confessou-me este, hoje meu ilustre confrade não apenas neste Conselho como na Academia Paraense de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico do Pará, haver musicado para a referida peça cerca de uma dezena de números, cujos originais supõe haverem ficado com Fernando Castro, e desse conjunto apenas um possui, **"Louco de Amor"** (Canção de um vagabundo), do qual aliás já não se lembrava, mas que, preservado pelo maestro Wilson Fonseca, dele obtivera reprodução. A **"Casa da Viúva Costa"**, que teve entre os seus intérpretes Rosita Fernandes, João Andrade, Carlos Campos, Sandoval Nogueira e Edilberto Dumont, foi distinguida, na época, como "a melhor peça da temporada nazarena". Acolhe-a com essas palavras comentarista que, sob pseudônimo de "Contra-Regra", dela se ocupou em longo artigo pela imprensa. Gira em torno das muitas e festejadas histórias do belíssimo espírito de Paula Ney, constituindo seu prólogo cena de irrepreensível montagem em que uma Arca de Noé de grandes proporções está armada

## EPOPÉIA AZUL

Homenagem ao Clube do Remo

Que no meu verso vibre a límpida harmonia  
De mil boccas cantando o alalá da alegria!

Que do céu lhe advenha o calmo azul profundo,  
Santo pálio de Deus aberto sobre o mundo!

Que aromata se faça - o não perca jamais,  
o perfume sutil das flores tropicais!

Que elle tenha o sabor das fructas delicadas,  
Redondas como os seios das virgens intocadas!

Que o avellude a maciez das sedas japonezas.,  
Feitas para vestir as languidas princezas!

Que - vara de Moyses na rocha do marasmo -  
Faça brotar e correr a limpha-entusiasmo!

Que pelo arco triumphal das doces emoções,  
Possa a sorrir, entrar em todos os corações!

em magnífico cenário, segundo o referido articulista, que aduz, como abonadora definição, estas palavras: "Peça de teatro com técnica e apuro, ela tem um enredo interessante que movimenta os nervos do espectador mais indiferente pelos lances imprevistos e pela comicidade das situações, bem estudadas pelos seus autores, numa visão psicológica que muito recomenda a Fernando Castro e Antônio Tavernard no ramo difícil de literatura que abraçaram". Outros comentários honrosos surgiram, como o de R. Magno Camarão e os contidos nos dois pitorescos sonetos dedicados, um a Fernando e outro a Tavernard, pelo poeta Olavo Nunes.

Com versos de Antônio Tavernard, Waldemar Henrique musicou ainda cinco produções, destinadas ao recital da Noite da Canção Paraense, que se realizou no Palace Teatro, em 15.8.1933, e cujas cópias teve a gentileza de ofertar-me. São elas: "**Fim de Carnaval**" (fox-canção); "**Romance**", canção que não chegou a ser gravada até hoje, mas que foi cantada, no Rio, por Mara, Sílvio Vieira e Sílvio Moreaux; "**Foi boto, Sinhá:**" e "**Tem pena da nega**", gravadas em disco Odeon por Gastão Formenti no Rio de Janeiro, em 1934, aquela, proclamada por Benjamim Lima, no "Jornal do Brasil", como "Folclore integral e autêntico, sem favor uma verdadeira obra-prima, porque ao mesmo tempo musical e literário", e esta, cantada por Mara, em 1936, no filme "**Cidade Mulher**", de Carmem Santos; e "**Matintaperêra**", gravada por Maria Lúcia Godoy (O Canto da Amazônia) no Rio, em 1969, e por Maria Helena Coelho Cardoso, em disco DEX, com Waldemar ao piano.

Antônio Tavernard, desde cedo, colaborou em diversos jornais e revistas desta capital, como fora dela, em particular no Sul do país. Aos 19 anos de idade - é ainda Vicente Salles quem o lembra - obtendo o segundo lugar no Concurso de Contos Trágicos, de âmbito nacional, promovido pela Revista "**Primeira**", projetou-se, como contista, na antiga capital da República. O conto premiado - "**Uma Noite Trágica**" - foi publicado no nº 18 de abril de 1928, da referida revista, então dirigida por Adolpho Aisen e A. F. da Costa Júnior. Mais tarde, inserindo-o, com ilustração de Morél, o Suplemento Policial (Rio, 4.12.1935) dedica-lhe esta legenda. "Conto como raros se escrevem no Brasil, com laivos de tragédia e muita dramaticidade. Seu autor é um brasileiro. Residente em Belém do Pará. "**Uma Noite Trágica**" - **Conto de Antônio Tavernard**". Um dos contos de seu livro, inédito, "**Almas Tropicais**", foi transcrito, em 18.8.1933, no Jornal do Brasil, com a seguinte referência: "Menção Honrosa no Concurso do mais belo conto". Foi, igualmente, colaborador de "O Malho", em cujas colunas, na edição de 3.9.1936, foram publicados fragmentos de seu Romance, também inédito, "**Os Sacrificados**", e que, ao noticiar sua morte, em maio desse ano, aponta-o como "uma das mais belas inteligências do Norte". Em Belém atuou, entre outros órgãos, no "G.P.C" dos alunos do Ginásio Paes de Carvalho em "A Tribuna", órgão acadêmico, de propriedade de Luciano Bentes, filho do Governador Dionísio Bentes; "Novidades" mesário de Hildebrando Rodrigues; "Clube do Remo Revista"; "Vitória Régia", "Correio do Pará"; "O Estado do Pará" e a "A Semana", esta na fase em

Que o corôe e illumine todo, a auréola do luar!

Que acarinho como um beijo e exalte como um hymno!  
Que seja grande e forte e bello e bom: - divino!

Que como um mago atráia e ao mesmo tempo encante!  
Que frema e vibre e sinta e reze e salve e cante,

Como eu canto e salvo e rezo e sinto e vibro e fremo,  
Ao dizer afinal: - Ave Clube do Remo!

Ave! Clube do Remo archetipo altancero  
Da grandeza feliz do povo Brasileiro!

\* Estampada sob o título "ELEGIA AZUL, em publicação não indicada.

que foi seu Diretor-Proprietário Ernestino Souza Filho. Desta Revista, a partir de 1932, foi Redator-Chefe, e seu nome permaneceu nesse posto, no frontispício do órgão, como homenagem póstuma de sua direção, que nunca lhe deu substituto. Nela colaborou, não apenas com seus versos primorosos e suas páginas em prosa de fino labor, mas como crítico literário, mantendo, com assiduidade, a coluna "Do que leio e penso", e, como cronista de acontecimentos sociais, periodicamente e sob o pseudônimo de "Frei Tuck", a apreciada coluna "Ronda Nazarena".

Por ocasião da brusca morte de Antônio Tavernard, que ocorreu num sábado, a direção de "A Semana", conforme notícia publicada pelo jornal "O Estado do Pará", anunciou sua não circulação na semana subsequente, voltando à normalidade apenas no sábado, 16.5.36, com tiragem que tomou o nome de "Edição Antônio Tavernard". Nela, como editorial de abertura, o discurso proferido pelo Diretor Souza Filho à descida do corpo, no túmulo do Cemitério Santa Isabel, e, na página seguinte, apontado como inédito, saía estampado com destaque o poema "Consolo". Daí por diante uma ampla cobertura sobre o severo acontecimento que enlutou o mundo cultural paraense, abrangendo uma sùmula biográfica do poeta, noticiário do enterro, a transcrição do necrológico feito pelo "Estado do Pará" em sua edição de 3.5.36, é vários artigos de homenagem, entre outros, os de Dulcinéa Paraense, Anaxágoras Barreiros e Sarah Leão Levy.

Num Levantamento retrospectivo, ainda que incompleto, mas mostrando a atmosfera de consternação de que se tomou Belém, naquele

longínquo maio de 36, pode-se recolher, dentre as manifestações que por dias seguidos ocuparam as colunas da imprensa como tributo de solidariedade e de saudade, depoimentos como os que se seguem: "In Memoriam", de Lourival Gonçalves; "O poeta que se foi", de "O.C.", ambos pela "A Semana"; "O poeta que morreu com o luar de maio" e "O solitário do Rancho Fundo", de Sílvio Braga, pelo "O Estado do Pará", em suas edições de 2.5.37 e 2.5.38, respectivamente; "Dias que foram noites", de Aldo Moraes; "Morreu o Tony", de Armando Pereira de Barros; Homenagem, no Tribunal do Júri, feita por Benjamim Sabat; Nota de homenagem do Clube do Remo, entidade a que se devotou, incomparavelmente, e do que são robustas provas, por exemplo, entre outros os seus memoráveis artigos "Ave, Clube do Remo - 'Filho da glória e do triunfo'", publicado na "Folha do Norte" de 15.8.31 e reproduzido por Ernesto Cruz em sua "História do Clube do Remo" editada em 1970; "Carta Aberta aos Legionários Azuis", em 21.9.30; "O preparador das vitórias", de fevereiro/março de 36; e "Elegia Azul". E, ainda, de outros intelectuais, como o de Ribamar de Moura, que, pranteando o amigo ferido pelo corisco de um sofrimento sobre-humano, disse que "sua morte não é mais do que a continuação de sua vida, esse milagre de luz, vencendo, com as cintilações divinas de sua alma, a decomposição fatal e contingente da carne"; o de Dalcídio Jurandir, que preferiu não lembrá-lo como o solitário do "Rancho", mas como o trepidante aluno do Ginásio Paes de Carvalho, onde o conheceu, "esperto, suado, rindo e pulando, cheio de sol, gostando da vida como um bom animal contente puro como o espírito das rosas", e para quem o seu desaparecimento representava um golpe amargo para a sua geração, que com ele perdia "o seu belo artista, o seu orixá magnífico, o seu maior símbolo de sacrifício e de beleza"; o de Machado Coelho, amigo das horas literárias e companheiro infalível dos serões do "Rancho Fundo", e que, lhe dizendo adeus em nome da Escola Moça da Cultura insistia em não aceitá-lo morto de todo, porque

Não desaparece, assim da terra agreste  
"Quem deixou sobre a terra  
Uma lágrima e um verso";

e, por fim, o de Miriam Morais, uma de suas mais seguras admiradoras, neste seu "Cântico" (sobre o túmulo do poeta, como oferenda votiva):

"Glória a ti,  
animador dos meus silêncios,  
de todos os meus silêncios.

Glória a teu verbo,  
 inquieto fecundador  
 dos arrebatamentos místicos  
 de minha alma.  
 Glória às tuas mãos,  
 criadoras mãos febris  
 unguidas por sofrimento,  
 rompendo-se  
 e rompendo o casulo descolorido,  
 onde os meus surtos de infinito  
 desmaiavam.  
 Glória às tuas asas,  
 amparando minhas asas frágeis  
 em magnífica parábola.  
 Glória à tua alma,  
 plasmando em mim  
 uma alma nova e alegre,  
 feita do entendimento  
 de todas as dores".  
 Cinquenta anos são decorridos.

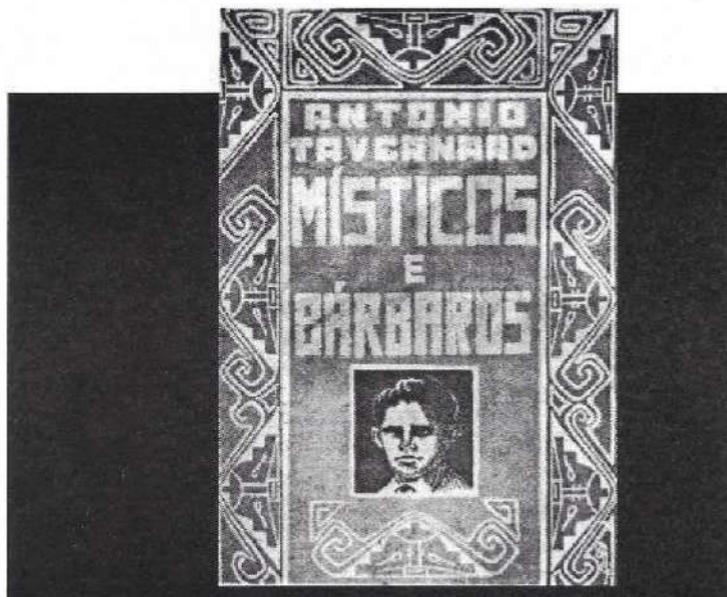
Não compartilho da assertiva de que o nome de Antônio Tavernard, com a sua morte prematura, haja sido soterrado em total esquecimento. Nem da que, em vida, haja sido totalmente marginalizado. Sofreu incompreensões, e muitas. Não recolheu, de suas conquistas literárias, que for os louros na medida em que tanto merecia.

Mas não lhe faltaram, também é certo, a aureolar-lhe no juízo da crítica, as consoladoras premiações da obra. Assim é que, sobre "Fêmea", por exemplo, recebeu, no louvor das mensagens, o apoio gratificante de figuras respeitáveis como as de Eustáquio de Azevedo, Remígio Fernandez, Manuel Lobato, Juanita Machado, Eneida Costa, Levi Hall de Moura, Roberto Reynoso, Jônathas Batista, Dias Dâmaso, Bruno de Menezes, este sob o pseudônimo de "Berillo Marques", com que subscrevia, na Revista "A Semana", a sua coluna "De Alma nos Lábios", sem deslembrar, no tocante à sua obra poética, as manifestações de muitas outras, de igual porte, como as de Geraldina Marx, que de São Paulo as mandou à Revista "Amazônia".

Ainda convém lembrar, em oportuno abono, que ganhou lugar definitivo, pelo que revela e pelo que passou a significar na bibliografia paraense, o substancial trabalho de Vicente Salles, já aludido, hoje fonte obrigatória de citações, afora outro, mais recente, também premiado e de apreciado conteúdo, o de Margarida Maria do Nascimento Paiva, sob o título de "Antônio Tavernard para as novas gerações", e que logrou o primeiro lugar, em 1981, no Concurso Literário "Samuel Wallace Mac Dowell", sob o patrocínio da Academia Paraense Letras, sendo editado, em 1983, pela Imprensa Oficial do Estado.

De Antônio Tavernard, pois, "Fêmea", vitorioso livro de Contos, publicado nas Oficinas Gráficas do

Capa do Livro de poesias Místicos e Bárbaros. Ilustrada por Angelus, e editado nas Oficinas Gráficas de Revista Veterinária, em 1953



Instituto Lauro Sodré em 1930, e "Místicos e Bárbaros", coletânea de maviolos versos, editada nas Oficinas Gráficas da Revista da Veterinária em 1953 constituem-lhe o espólio intelectual, ao alcance de quantos queiram desvendar o que produziu seu estro privilegiado. Há, contudo, no ineditismo, desafiando o cometimento de imperativa publicação, **Os Sacrificados** (romance) e **Almas Tropicais** (contos), este também citado, em diferentes fontes, como "Vozes Tropicais", inclusive por Georzenor Franco, que em sua coluna "Ronda Literária", na "Folha do Norte" de 25.6.67, diz possuir-lhes os originais, confiados à sua guarda por iniciativa do pai do ilustre Autor. Existe, ainda, disperso em jornais e revistas, sobretudo em "A Semana", como foi focalizado, apreciável acervo de suas produções.

No momento em que se vê transcórre o cinqüentenário da morte de Antônio Tavernard, proponho, Senhora Presidente e Senhores Conselheiros, que este Conselho, no programa comemorativo que lhe venha a dedicar, com Sessão Especial a ser oportunamente fixada, mereça destaque especial, mediante pleito dirigido ao Exmo Sr. Governador do Estado, a iniciativa de ser posta à lume a obra completa do saudoso poeta, inclusive a inédita, com o que resgatará o Pará, superiormente, o tributo que está a dever a quem o dignificou, com desempenho edificante, na indubitável representatividade de suas mais legítimas reservas de inteligência.

(Reconstituição do texto, revisto e ampliado, da Proposição feita no Conselho Estadual de Cultura, em sua sessão ordinária de 21.1.1986).